

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de assinatura de acordos para moradias no Rio de Janeiro

Palácio das Laranjeiras - RJ, 18 de janeiro de 2007

Meu querido companheiro Sérgio Cabral, governador do estado do Rio de Janeiro,

Ministros, secretários, deputados, secretárias, não estou vendo nenhuma deputada,

Meu caro William.

Quero dizer a você, Sérgio, da alegria de estar aqui no Rio de Janeiro participando de um evento que pode significar, num curto espaço de tempo, a melhoria da qualidade de vida de uma região importante do Rio de Janeiro, a Rocinha, que precisa parar de aparecer na imprensa apenas nas páginas policiais e começar a aparecer nas outras páginas dos jornais.

Eu acho que quando você me ligou, antes de tomar posse, eu senti o drama porque nós tínhamos aprovado, no ano passado, o Fundo de Habitação Popular, tínhamos destinado 1 bilhão de reais e para não permitir que o dinheiro se perdesse na quantidade enorme de necessidade das pessoas, eu resolvi num primeiro momento atacar as palafitas, que é o processo de degradação maior de moradia de um ser humano. Mas como não tinha projeto, e esse é um problema que eu queria lembrar às companheiras e companheiros secretários, na verdade, os bons projetos facilitam a liberação dos recursos. A boa idéia sem projeto não libera recursos. Portanto, o projeto é condição primeira para que a gente possa agilizar a liberação de recursos e o mesmo vai valer entre vocês e os municípios aqui, que vão ter projetos. Às vezes as pessoas chegam bem intencionadas mas, sem projeto, não vão resolver o problema.

Pois bem, nós detectamos que embora os prefeitos no Brasil inteiro falassem muito de palafitas, na hora em que a gente foi ver, com 1 bilhão na mão para disponibilizar, mapear, a quantidade de problemas eram milhares e a quantidade de projetos, quase nenhum. Utilizamos uma parte do dinheiro para as palafitas e uma outra parte para a urbanização de favelas.

Bem, esse fato me fez muito mais sensível quando o Governador me ligou dizendo: “Presidente, tem um problema, nós precisamos de um dinheiro para dar cidadania à Rocinha”, isso no final do ano. Eu chamei o Ministro do Planejamento e falei: olha, vire-se e vamos ter que dar, se não puder dar tudo agora, dê uma parte e depois a gente dá o restante no começo do ano. Lamentavelmente, não foi utilizada a primeira parte porque não houve a contrapartida, mas agora está resolvido William, e a Rocinha pode começar 2007 como parte integrada da cidade maravilhosa e não da cidade que muitas vezes é tratada como uma cidade feia, a cidade que muitos cariocas não gostariam que existisse.

Eu acho que o jeito de melhorar o Rio de Janeiro, de não banir os que estão marginalizados na periferia, é trazê-los para a cidadania dos bairros nobres do Rio de Janeiro porque, no fundo, no fundo, todos merecem ser tratados em igualdade de condições.

Queria dizer ao Governador que o seu início de governo foi muito vigoroso, uma demonstração de que você veio para mudar a história do Rio de Janeiro. Mas queria aproveitar os deputados aqui e dizer que o companheiro Governador vai precisar do apoio de vocês. Não há, neste momento, espaço para ressentimento, não há espaço para política menor porque o que está em jogo, na verdade, não é nenhum de vocês, pessoalmente, nem o governador Sérgio Cabral. O que está em jogo é a recuperação da dignidade e da auto-estima do estado do Rio de Janeiro e da cidade do Rio de Janeiro. Isso vale para os deputados, para os secretários, para a imprensa, para os empresários, para os trabalhadores. Nós temos que recuperar a auto-estima do povo do Rio de Janeiro porque não é possível que o gesto magnânimo de Deus de criar esta cidade extraordinária esteja sendo jogado fora pela incapacidade e pela insensibilidade de alguns políticos que passaram pelo Rio de Janeiro.

Portanto, vocês têm uma chance dada pelo povo, uma chance dada pelo Governador e uma chance dada por Deus, ou seja, nós temos quatro anos para provar que o Rio de Janeiro pode ser diferente. Da parte do governo federal, eu estou muito à vontade porque disse ao Sérgio Cabral, no último comício que nós fizemos: Sérgio, eu estou convencido de que nós vamos estabelecer a melhor relação entre o governo federal e o estado do Rio de Janeiro que já houve na história da República. No fundo, no fundo, se não

houver pequenez política em nenhum de nós, se o pessoal ficar circunscrito à nossa vontade, e a gente deixar predominar na nossa alma e na nossa consciência o coletivo, a possibilidade de acertar é muito maior.

Quando o Governador me telefonou pedindo a liberação de alguns companheiros do governo federal para trabalharem com ele, eu vi nisso a possibilidade concreta de uma ligação umbilical entre o governo federal e o governo do Rio de Janeiro. Primeiro, porque são pessoas que conhecem o governo federal, como o Joaquim Levy. O Joaquim Levy, vou te dar a dica: ele é muito duro para liberar dinheiro, mas é muito competente para segurar dinheiro e para resolver o problema de rombo de caixa e tentar fazer o estado do Rio de Janeiro ser um estado responsável, do ponto de vista das suas contas.

Vejam uma coisa: eu me lembro, Sérgio, que quando houve o acordo da dívida dos estados, que a União assumiu, foi feita uma festa porque era para todo mundo pagar em não sei quantos anos e o governo federal, então, autorizou os estados: “você podem vender tudo o que vocês têm, vendam a cama do Palácio, vendam a geladeira, vendam todas as empresas”. Enquanto tinham as empresas para vender, ninguém reclamou do acordo. Agora acabou o que vender, e nós não vamos vender nada, pelo menos da parte do governo federal. Não vamos vender nada. Então, acabou. Tem gente que governou quatro anos com o dinheiro de empresa pública vendida. Quando acabou esse dinheiro, as pessoas perceberam que o acordo não tinha sido bom. Obviamente que teve gente que pegou *royalties* e não sei quantos anos, teve facilidade para muita gente aceitar fazer o acordo e agora algumas pessoas acham que, com facilidade, vamos mexer na dívida dos estados.

Quero deixar claro, até o Joaquim Levy está aqui olhando, não haverá acordo sobre isso. Nós não iremos mexer na dívida dos estados. Obviamente que isso não implica a gente não levar em conta as situações específicas de cada estado, estudar caso a caso, ver o que é possível fazer, mas não dá para a gente passar para a sociedade que o País vai voltar a uma anarquia fiscal, não vamos permitir isso porque para chegar onde nós chegamos, Governador, e você acompanhou, do Senado, foi um sacrifício muito duro, muitas vezes não compreendido.

Quantas vezes companheiros que estão aqui foram xingados, como é o

caso do Levy, porque diziam: “eu não posso liberar dinheiro, eu não posso dar dinheiro”, e você sabe que é sempre muito mais fácil a gente dizer “eu posso dar”, prometer e depois não cumprir. Se a gente estabelecer entre nós, Governador, uma relação companheira, uma relação irmã, uma coisa fraterna, em que você sabe os seus direitos e eu sei os meus, em que você sabe os compromissos do estado, eu sei os da União, e que a gente estabeleça a parceria.

Você escolheu um secretário de Saúde que era ligado ao governo federal, da área da saúde, um companheiro que, portanto conhece o problema e sabe das preocupações que eu tive ainda quando o ministro Humberto era secretário de Saúde e eu dizia para ele: Humberto, nós temos que criar alguns centros de excelência no Rio de Janeiro. Eu cansei de ver na televisão aquele povo morrendo nas filas, aquelas pessoas tomando injeção em pé no corredor, aquelas pessoas deitadas no chão. Não é possível que um estado como o Rio de Janeiro, que é a cara internacional do Brasil, seja visto apenas pelas maledicências e não pelas coisas boas que este estado tem para oferecer ao nosso País, do ponto de vista cultural, do ponto de vista político, do ponto de vista econômico, do ponto de vista da beleza que é este estado. Então, eu quero dizer, Sérgio, que isso aqui é apenas uma demonstração inicial do que nós dois temos pela frente. Nós temos muita coisa para fazer neste estado e neste País.

Eu vou dizer que nenhum governador sofrerá nenhum veto do governo federal por não ser do meu partido ou por não ser da base aliada. Qualquer governador, de qualquer partido político, que tiver um problema e esse problema puder ser resolvido pelo governo federal, nós não iremos olhar o time, a escola de samba, a religião e o partido ao qual ele pertença, nós iremos sempre olhar a necessidade que tem o povo daquele estado, daquela cidade, de receber os seus benefícios.

O Sérgio Cabral, eu dizia no comício e vou dizer aqui: você, Sérgio, é a possibilidade do Rio de Janeiro voltar a ser tratado com seriedade pelo Brasil inteiro, das pessoas saberem que aqui tem um governador que montou um secretariado, e esse governador e esse secretariado querem provar à sua própria consciência e à consciência do povo do Rio de Janeiro que o Rio de Janeiro não é um estado perdido como tentam vender, que não tem jeito. Tem

jeito porque este povo aqui é um povo igual a qualquer povo brasileiro, trabalhador, é um povo que sabe efetivamente que precisa das coisas e tem que cobrar de nós. E quando a gente vê o representante da Rocinha aqui, bonito como ele está, com uma gravata meio cor-de-rosa, isso me faz sair daqui dizendo: não há por que não ter muito mais esperança neste País porque a gente vê a cara da alegria de um projeto que poderia ter sido feito há 20 anos, há 30 anos, há 40 anos.

A verdade é que, muitas vezes, quando o governador coloca os seus interesses na frente, pensando em outras eleições, e começa a não querer conversar, pela causa eleitoral, a coisa não anda. Eu quero te dizer uma coisa com experiência de quatro anos, as eleições de 2010 serão em 2010. Você não será cobrado porque você disse em 2007 que você quer ser candidato a alguma coisa em 2010. Você será candidato a alguma coisa ou não, além de você querer ou não, como resultado daquilo que você conseguir produzir no Rio de Janeiro. Portanto, o lema é trabalhar, trabalhar e trabalhar, porque a gente vai colher exatamente o que a gente plantou. Se a gente plantou ódio, se a gente plantou inveja, se a gente plantou discórdia, a gente vai colher desgraça. Mas se a gente plantar harmonia, plantar companheirismo, plantar lealdade, a gente vai colher muita coisa boa.

Da nossa parte, Governador, não haverá nenhum momento, e eu disse ao Sérgio, agora há pouco: Sérgio, fique preparado que vai vir torpedo para cima de você. Então, fique preparado, porque o jogo político é um pouco complicado e você conhece como ninguém. Eu disse ao Sérgio: nos momentos mais difíceis eu vou provar que a nossa relação de amizade não foi eleitoral. É uma relação verdadeira, que pode ser consagrada com demonstrações que nós possamos dar ao povo do Rio Janeiro.

No nosso Programa, que vamos anunciar na segunda-feira, você está convidado, tem muita coisa para o Rio de Janeiro. Possivelmente, a história do Brasil nunca assistiu à quantidade de disponibilidade de dinheiro que nós vamos colocar para saneamento básico e para habitação nesses próximos quatro anos. Não é um programa para 2007, é um programa para os quatro anos de governo, e eu acho que nós estamos dando um sinal de que o Brasil não vai jogar fora a oportunidade que nós construímos. Nós construímos essa condição que o Brasil tem hoje. Ontem, Levy, só para você saber, o

champanhe que o Furlan estava guardando há dois anos, nós tomamos ontem, porque o risco-Brasil chegou a 185 pontos, então merecia tomar o champanhe que o Furlan tinha guardado.

Queria dizer aos secretários: nenhum ministro do meu governo deixará de tratá-los com o respeito que merece um secretário, como não deixará de tratar as prefeituras, e você, Sérgio, não tem momento, não tem hora, a hora que precisar ligar, eu espero que você me ligue, só para me contar notícias boas. Obviamente que acontece o que aconteceu com a chuva, acontece o que aconteceu com o vandalismo, porque aquilo é terrorismo, aquilo não é bandido comum. Pegar um ônibus, tocar fogo e ver pessoas morrendo, tem que ser tratado como terrorismo de Estado, porque é uma provocação ao Estado brasileiro. Não tem meio termo nisso. Não é um bandido comum, é uma ação preparada de desacato ao Estado brasileiro e, portanto, nós temos que tratar assim e enfrentar.

Portanto, meu caro, tenha a certeza do seguinte: mais do que nunca nós estaremos juntos e vamos estar juntos na construção do Pan, porque o Pan será o cartão postal para a Copa do Mundo de 2014 e, quem sabe, será o cartão postal para que a gente possa, um dia, sonhar em trazer para o Brasil uma Olimpíada.

Meus parabéns. Eu quero depois, William, ser convidado para visitar as obras. Por enquanto é só assinatura de liberação de recursos, mas nós vamos querer voltar lá, o que estamos fazendo aqui e fazer um dia, na Rocinha, para a gente ver quando as máquinas começarem a trabalhar, as ruas começarem a ser abertas. Quando o Estado estiver presente dentro da Rocinha, oferecendo ao povo da Rocinha aquilo que o Estado tem que oferecer de educação, de saúde, de segurança, de possibilidade de empregos, certamente a criminalidade irá desaparecer por si só. Nada será melhor para combater a criminalidade do que as oportunidades que a gente puder oferecer ao jovem deste País para melhorar a sua vida.

Um grande abraço, boa sorte para todos vocês.